

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PEDAGOGIA
TRABALHO MONOGRÁFICO

94/I

A COMPETIÇÃO NA ESCOLA DE PRIMEIRO SEGMENTO DE
PRIMEIRO GRAU E SEUS EFEITOS
NEGATIVOS SOBRE AS CRIANÇAS

FATIMA CRISTINA MARTINS MATOS

Nº 901351010

ORIENTADOR: PROF. WILMA SOARES BARBOSA

JUNHO, 1994.

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

CURSO DE PEDAGOGIA

TRABALHO MONOGRÁFICO

A COMPETIÇÃO NA ESCOLA DE PRIMEIRO SEGMENTO DE
PRIMEIRO GRAU E SEUS EFEITOS
NEGATIVOS SOBRE AS CRIANÇAS

Florencia Martins Matos
FATIMA CRISTINA MARTINS MATOS

Nº 901351010

ORIENTADOR: PROF. WILMA SOARES BARBOSA

JUNHO, 1994.

A COMPETIÇÃO NA ESCOLA DE PRIMEIRO SEGMENTO DE
PRIMEIRO GRAU E SEUS EFEITOS
NEGATIVOS SOBRE AS CRIANÇAS



Wilma Soares Barbosa - Profª. Orientadora.



Anna Rosemberg Moreira - Profª. da Área de Assunto.

Gilda Maria Grumbach Mendonça - Profª. de Normatização.

A UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO não
aprova e nem reprova as opiniões emitidas neste trabalho; estas opiniões são
responsabilidade exclusiva do Autor.

" Os professores ideais são aqueles que se fazem de pontes, que convidam os alunos a atravessarem, e depois, tendo facilitado a travessia, desmoronam-se com prazer, encorajando-os a criarem as suas próprias pontes. "

Nikos Kazantzakis

Agradeço a meus pais, que dispuseram me toda a atenção e carinho necessários para que eu alcançasse esta etapa; e a todos os amigos e professores que apoiaram-me durante a execução deste trabalho.

ÍNDICE

	Página
INTRODUÇÃO	1
I. O QUE É A COMPETIÇÃO ?	2
II. A COMPETIÇÃO INICIA-SE EM CASA	3
III. A COMPETIÇÃO E A ESCOLA	7
IV. O CLIMA EMOCIONAL DA CLASSE	12
V. OS EFEITOS DE UM CLIMA COMPETITIVO	14
VI. " EMBARCAR " NA COMPETIÇÃO ?	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

INTRODUÇÃO

A vida atual constitui-se de situações competitivas. Afinal, desde cedo, a criança é instigada a competir, a buscar satisfazer-se através de uma conquista. Este hábito inicia-se em casa, passa pela escola e prolonga-se até a vida profissional, a morosa e social de cada indivíduo.

Assim, vemos que a competição é uma característica presente na escola e, mais especificamente, na sala de aula, muitas vezes não ocorrendo com naturalidade, mas por estímulo do próprio professor ou da escola.

Sendo, então, uma característica constante da vida escolar, a competição traz conseqüências para os indivíduos que participam, que convivem com ela.

Atuando como professora, este assunto interessou-me, já que representa, de certa forma, um pouco do cotidiano de uma sala de aula. Espero, com o estudo deste tema, poder esclarecer alguns dos aspectos negativos, que a competição, sendo exagerada e impensadamente estimulada na escola, pode trazer aos seus integrantes.

I. O QUE É COMPETIÇÃO ?

A competição é uma circunstância que nos cerca, cada vez mais, nos dias de hoje. No trabalho, na escola, em casa. Fazemos dela um hábito já tão arraigado, que não nos damos conta da angústia que ela nos acarreta interiormente.

Na verdade, o que é competição ?

Uma busca simultânea, por dois ou mais indivíduos, de uma vantagem, de uma vitória, de um prêmio, etc.; é a disputa pela primazia de alguma coisa ou alguém; rivalidade, antagonismo, luta, desafio, disputa, contenda; o esforço para conseguir algo ou alguém; e, finalmente, a obtenção de algo ou alguém através de concorrência.

A competição também é bem definida em Ausubel: " É uma forma de motivação intensificadora do ego, que envolve uma atividade auto-enaltecadora. ", onde o indivíduo destaca-se vencedor ao conquistar a meta através da disputa com outras pessoas..

A competição vai-se tornando parte do indivíduo durante seu desenvolvimento. Desta forma, desde de pequeno, ele já vive situações competitivas, antes mesmo de ingressar na escola.

II. A COMPETIÇÃO INICIA-SE EM CASA

As situações competitivas apresentam-se inicialmente em casa, por exemplo, quando se disputa com os irmãos o carinho dos pais, ou pode até ocorrer situação inversa: os pais disputando o carinho de seus filhos.

Na realidade, ao aprofundarmos no campo psicológico, vemos que a origem da competição dá-se nas fases anal e principalmente na fálica.

A fase anal representa o início do segundo ano de vida, o qual é marcado pelas conquistas infantis de auto-domínio e socialização. Esta última começa a processar-se nesse período. A criança começa a introduzir-se no mundo das pessoas quando se dá a organização psicomotora de base, ou seja, ao andar, buscando o que quer, ao falar e ao treinar os esfíncteres, retendo ou expelindo as fezes e a urina.

Já na fase fálica, mais precisamente no Complexo de Édipo, os primeiros vestígios individuais e inconscientes da competição se tornam mais claros.

Nesta fase, por volta dos três anos de idade, segundo a visão ortodoxa da Psicanálise, não existe ainda a discriminação sexual quanto à existência de dois genitais, o masculino e o feminino, mas sim a presença ou a ausência do pênis. Os homens, e o gênero masculino, são definidos pela presença do órgão fálico, enquanto isso, as mulheres identificam-se pela sua ausência.

O menino exhibe seu membro, orgulhoso, com ares de superioridade. Como uma forma de competição, a menina procura reagir, protestando que o seu ainda crescerá e ficará igual ao do menino. Mas a medida em que o desenvolvimento se processa, a percepção correta da realidade confirmará aos olhos infantis que só o homem é portador de pênis, ficando a mulher na condição de castrada.

Ao homem é dado um elemento de superioridade, que é a posse do pênis. À mulher atribui-se um elemento de inferioridade, a castração e uma inveja decorrente, a inveja do pênis, que a mobilizará no sentido de conseguir o que só o homem tem, ou de compensar esta inferioridade sentida ao nível da fantasia.

A competição ainda pode ser vista nesta fase, através do triângulo que se forma na disputa do filho contra o pai pelo amor da mãe, chamado por Freud de Complexo de Édipo.

A ligação inicial de toda criança, masculina ou feminina, é estabelecida com a mãe. O pai só mais tarde é inserido nas relações. A mãe continua sendo, durante grande parte da infância, o objeto central das ligações de conforto, prazer e proteção.

Fiori nos coloca: " Se a libido se organiza em torno dos genitais; se há busca de satisfação por meio de uma relação homem-mulher; se essa ligação é desejada e sentida como prazerosa; se a mãe foi o suporte afetivo inicial, é a mulher mais próxima e de quem o garoto mais gosta - a atração que o menino sentirá pela mãe, com característica agora sexuais, será consequência natural do processo. "

Estabelecido o vínculo sexual com a mãe, o pai surge como figura repressora, a qual deve ser combatida. Pai e mãe são percebidos juntos, numa mesma relação, onde a tentativa de conquista da mãe é impedida pelo pai. Este último é visto como represen

tante da lei, senhor absoluto e inteditor da posse da mãe. O filho tenta competir com a figura do pai, mas, por sua vez, percebe ser a figura masculina frágil, desvalorizada pela mãe, e que jamais será um modelo a ser seguido ou um competidor a ser levado em conta.

É bom frisar que essa atração desenvolvida é adaptativa. Permitirá que os instintos sexuais organizem um objeto de desejo adequado, ou seja, fortalece a busca prazerosa de uma mulher, cria condições para o estabelecimento de um forte vínculo genital, posteriormente necessário para a sexualidade adulta, para a estabilidade de uma relação homem-mulher e para amar os frutos desta ligação, ou melhor, os filhos.

O que acontece com o menino, também ocorre com a menina. Para esta, de acordo com Freud - que discorda do Complexo de Elektra, de Jung -, a percepção de ter sido castrada, de não possuir o órgão genital, provedor de tanta superioridade, é o que a mobiliza para a busca inicial do pai. Nessa busca, fica-lhe claro o vínculo entre o pai e a mãe. É a mãe quem o atrai com sua feminilidade. Para competir com a mãe, a menina passa então a imitá-la, tenta tornar-se atraente para o pai, a fim de conquistá-lo.

O desejo de que o " pênis feminino " cresça é progressivamente frustrado pela percepção da realidade, e a menina descobre-se castrada. Desta maneira, lança-se a conquista do órgão valorizado. Dentro do grupo familiar, o pai é o representante fálico. A menina dirige então sua afetividade para o pai. Não é uma atração direta como acontece na relação do menino com a mãe. Não é o pai que é diretamente buscado, mas a posse do pênis, representante da força e do poder.

Assim, vemos que a competição origina-se na fase da primazia do " phallus ", mais notadamente quando forma-se, conforme coloca Freud, o triângulo edípico entre pai, mãe, filho ou filha.

Para contribuir com o que ocorre em casa e com a família no inconsciente da criança, vemos a competição constantemente presente nos meios de comunicação da massa. A televisão é o melhor exemplo. Afinal, ela é o meio que a criança mais mantém contato dentro de casa, antes da entrada para a escola.

Mesmo com pouca idade, ela já é capaz de perceber, por exemplo, a competitividade dos personagens nos desenhos animados, além da grande variedade de jogos competitivos apresentada em todos os programas infantis.

III. A COMPETIÇÃO E A ESCOLA

Após a noção do que seja competição em seu próprio ambiente, a criança entra para a escola. A partir daí, ela não cessa de conviver competitivamente com seu mundo. Ela compete a todo momento: nos estudos, nos esportes, nas atividades artísticas, na conquista por um elogio da professora ou dos pais, por um destaque entre todos os seus colegas de turma.

É a escola que pretendo enfatizar, e, principalmente, o seu primeiro segmento, onde a criança inicia sistematicamente o seu processo educativo no " mundo da competição ". É a escola atualmente que fortifica as bases competitivas de cada indivíduo. É importante frisar que ela não é a única responsável, mas contribui fortemente para isto.

Às situações competitivas presentes na escola, já citadas, podemos acrescentar algumas que não são individuais, mas que ocorrem dentro do grupo escolar: competição entre os pais, quanto ao filho mais bonito, mais inteligente, mais habilidoso, mais sagaz na aprendizagem; competição entre os alunos, estimulada pelo professor; competição entre os alunos estimulada pelos pais; competição entre as classes (a mais adiantada, a mais comportada, a mais forte); competição entre os professores (o que tem a sala mais organizada, o que tem maior apoio dos pais, o mais eficiente, o mais rápido no ensino, o mais querido pelas crianças); competição entre os próprios colégios (o mais puxado, o que aprova mais em concursos, o mais procurado, o mais rígido em suas regras de funcionamento, o mais tradicional, ou o

mais liberal).

É válido aqui lembrar dos " vestibulinhos " que vêm sendo realizados atualmente. Alguns colégios bastante conceituados no Rio de Janeiro, principalmente da rede privada de ensino, ou seja, aqueles que atendem às classes mais favorecidas, exigem que as crianças façam uma prova, ou uma bateria de provas, para ingressarem na primeira série do primeiro grau. É um verdadeiro mini-concurso de vestibular!

Este fato ainda torna-se mais agravante ao vermos pais buscando uma pré-escola preparatória para estes " vestibulinhos ". Isto significa que a criança, desde três anos (idade habitual do ingresso dela na escola), já vai sendo preparada para concorrer nos " vestibulinhos ". Com sete anos, aproximadamente, ela já deverá estar apta a enfrentá-los e ingressar num destes " bons colégios ", escolhido a dedo pelos pais. É justo colocarmos uma criança desta idade em tal nível de competição? E com quais objetivos, realmente, o fazemos?

Com certeza, a competição gera uma sociedade mais produtiva, e esta competição vem sendo muito valorizada por todos, assim como também por demais vivida desde cedo.

Com esta " avalanche " de atividades competitivas, todo o meio escolar torna-se, sobretudo sem se dar conta disto, um meio de disputa de luta, abrangendo todos os seus integrantes (pais, alunos e professores, envolvendo também os administradores). Acabamos por esquecer de privilegiar o trabalho que abrange os sentimentos de grupo, os quais estimulam a aprendizagem, como é o caso da cooperação. Cooperação como sendo a habilidade de colaborar com os outros ao trabalhar numa tarefa de interesse comum às pessoas envolvidas, e não como um sinônimo de obediência, de submissão, uma vez que muitos professores, infelizmente, a interpretam como o mesmo que " seguir instruções ".

Alayde Madeira Marcozzi acrescenta ainda que o sucesso do trabalho cooperativo em equipe depende da orientação do professor, preparando e conduzindo os alunos nas atividades de colaboração. É necessário um trabalho prévio, em que se formam ou se desenvolvem na criança atitudes, hábitos e habilidades indispensáveis ao trabalho cooperativo. Essa preparação inicia-se nas primeiras séries escolares, através de debates em conjunto, atividades de construção realizadas cooperativamente, eleições para encargos de classe, coleta de material para estudo, etc..

A cooperação é fundamental. Quando existe igualmente entre os colaboradores, auxilia na interação da turma, onde todos os membros se unem para atingir um objetivo comum. Do contrário, não sendo compreendida por professores e alunos, acaba por instigar a competição.

Assim, a função do professor é proporcionar aos alunos ambiente e oportunidade para que participem das experiências individuais e grupais, sistemáticas ou ocasionais, necessárias ao seu desenvolvimento integral.

Não basta levar os alunos a adquirir conhecimentos e habilidades variados: é preciso também que o professor se preocupe em formar atitudes e hábitos que conduzirão a uma vida melhor, mais sadia e mais produtiva. A educação proporcionada na escola não deve visar apenas à auto-realização do aluno, mas também o seu ajustamento ao grupo, pela aceitação plena e consciente dos valores que regem a vida do mesmo.

" A proeminência da cooperação e da competição varia bastante de acordo com o nosso ambiente cultural. Em geral, a motivação intensificadora do ego tem, na nossa cultura, um sabor competitivo e auto-enaltecedor, que varia de uma classe social para outra. Apesar de as crianças em idade pré-escolar da classe mais baixa tenderem a ser mais competitivas do que as de classe

média, estas últimas interiorizam aspirações mais altas de prestígio escolar e vocacional. Meninos em nossa cultura são firmemente mais competitivos que as meninas durante o início da infância e logo a seguir ". (Ausubel)

Segundo Lindgreen, os sentimentos de grupo precisam ser trabalhados dentro de sala de aula, a fim de que possa haver condições favoráveis ao desenvolvimento do trabalho do professor.

No entanto, muitos professores, mesmo sem a intenção, impedem que os alunos desenvolvam estes sentimentos, utilizando-se de métodos favorecedores do individualismo, como por exemplo, recusar-se a consentir que os amigos trabalhem juntos nas mesmas equipes, ou instigar uns contra os outros. É necessário que o professor esteja atento a esses mínimos detalhes dentro da sala de aula, para que seu próprio trabalho possa fluir de maneira agradável, e não de modo tenso e desgastante, que é o que ocorre quando estamos dentro de um ambiente competitivo. Ele deve lembrar também de que está lidando com crianças. Se nós, adultos, nos sentimos angustiados e tolhidos num ambiente " stressante ", ainda mais as crianças.

Por exemplo, muitas atividades em grupos de colegas compreendem um comportamento cooperativo e competitivo, simultânea e alternadamente. Jogos de times são eventos competitivos entre dois grupos cooperativamente organizados. Entretanto, os membros do mesmo time podem competir uns contra os outros para mostrarem quem é o melhor dentro da própria equipe.

Algumas crianças são competitivas sob condições neutras ou cooperativas, outras são cooperativas sob condições competitivas e ainda outras são orientadas para a tarefa sob qualquer condição. A respeito das condições pretensamente cooperativas ou competitivas que caracterizem uma determinada tarefa, diz Ausubel que se poderá avaliar-se até que ponto a criança é orientada pa-

ra o seu ego, para a tarefa ou orientada para o grupo através de uma análise individual motivadora.

Por fim, vale ressaltar que a tarefa de perceber o exagero ao estímulo da competição não é somente do professor. A própria escola, como um todo, envolvendo a direção, deve estar atenta para que esse ambiente de competição desenfreada, inclusive entre os pais, não passe despercebido e se estabeleça nas salas e muito menos na escola.

IV. O CLIMA EMOCIONAL DA CLASSE

O clima emocional é, sem dúvida, o fator determinante das condições de comportamento de qualquer grupo.

Como exemplo, podemos verificar o que acontece durante um dia letivo de uma turma referente ao segundo segmento do primeiro grau (antigo ginásial), a qual passa por vários professores. A turma reage e se comporta de forma diferente conforme o clima que cada professor estabelece com ela. Com um, a classe pode ser inquieta e agitada; com outro, barulhenta, mas interessada e ativa; com outro ainda, dominada e passiva. Em algumas classes, a atmosfera é crítica e negativa. Cada erro ou desvio do padrão é notado e chama a atenção de todos. Em outras classes, tudo é aceitação e consentimento. Tem-se a impressão de que, jamais, ninguém comete erros e a classe conclui alegre, porém de um modo confuso, todo o currículo prescrito. Em outra classe ainda, o clima é de um alto grau de tensão. O professor parece mais um rígido instrutor, fazendo o aluno executar seus atos com precisão militar. Aqui a impressão que se tem é a de que tudo foi planejado nos mínimos detalhes.

Embora o clima seja composto pelos indivíduos do grupo e pelo professor, é o último o mais responsável pelo clima que se estabelece em sala de aula. É o professor quem pode punir ou recompensar, que pode elogiar, que pode impor de modo rígido ou negociar flexivelmente limites. É do professor que os alunos tiram exemplos que estabelecem a disposição predominante.

No entanto, ao dizermos que o professor é a figura-chave no estabelecimento do clima, isto não significa que ele tenha liberdade e responsabilidade sem limites para definir qual o tipo de clima que se adequa ou que se adapta à sua personalidade. Existem outras forças em ação. Como já foi dito, a administração da escola desempenha um papel importante no estabelecimento do clima psicológico que predomina entre professores e alunos. Sendo assim, torna-se mais difícil para o professor ter total autonomia para estabelecer o clima dentro da classe. É impossível, ou quase, que um professor autoritário e onipotente queira impor-se desta forma numa escola democrática, assim como também um professor democrático terá dificuldades em tentar estabelecer este clima numa escola autocrática tradicional por suas normas rígidas.

De acordo com Alayde Marozzi, em classe, o professor é líder de um pequeno grupo social e, por isso mesmo, não deve esquecer que suas atitudes pessoais terão influência direta no ambiente da turma e no comportamento dos alunos. De seu comportamento depende a criação de um clima de confiança, cordialidade, de compreensão e de trabalho entre as crianças.

A boa comunicação, a coesão, o ânimo são, ao mesmo tempo, causas e efeitos de atividades satisfatórias de grupo. São forças que favorecem e demonstram a satisfação, o prazer do trabalho realizado em conjunto. De maneira contrária, o grupo que é desencorajado, aborrecido ou apático resistirá aos esforços do professor para melhorar as relações entre seus componentes. Não é fácil levantar a moral de um grupo que pertença a um ambiente onde as atitudes sejam negativas e resistentes, porém esta é uma tarefa que deverá ser realizada.

Somente com um clima emocional equilibrado dentro de classe poderá ser realizada qualquer tipo de aprendizagem verdadeira, significativa.

V. OS EFEITOS DE UM CLIMA COMPETITIVO

A competição dentro de sala tem efeitos desejáveis e inde sejáveis sobre o desenvolvimento da personalidade.

Podemos até citar algumas vantagens presentes no saldo credor das atividades realizadas com o estímulo da competição:

- A competição estimula o esforço e a produtividade, promove padrões e aspirações mais elevados, torna mais próximos ca pacidade e desempenho;
- as crianças em idade de escola elementar trabalham mais arduamente sob condições competitivas do que quando trabalham anonimamente;
- também trabalham mais por premiação individual do que por prêmios oferecidos aos grupos;
- costumam reagir de modo altamente favorável a situações altamente competitivas, tais como concorrências entre meninos e meninas para estabelecer uma gradação de valores, atividades em torno de times dentro de sala de aula ou mesmo de times formados por turmas diferentes;
- ao permitir que os indivíduos obtenham uma estimativa mais realista de suas próprias capacidades em relação à dos outros, a competição exerce um efeito edificante sobre a habilidade de auto-crítica;

- sob o estímulo da competição, as crianças podem descobrir melhor suas limitações e capacidades, que até então não sabiam possuir, e são motivadas a vencer traços censuráveis de sua personalidade;

- a competição torna os jogos em grupo mais interessantes e estimulantes, assim como também as tarefas diárias menos monótonas e desgastantes.

Conforme pudemos observar, os efeitos favoráveis relativos a competição existem e são bastante úteis. Entretanto, isto somente ocorre quando a competição é bem controlada. Sabemos que ela é uma forma interessante e estimuladora, que auxilia contra a monotonia, muitas vezes presente no processo de ensino-aprendizagem. É necessário extrema cautela quanto a este pressuposto. Afinal a competição torna-se perigosa ao ser empreendida como um recurso freqüente na sala de aula. Perigosa, pois pode ir aumentando em seu grau, caso o professor não atente para isto ou perca o controle desta competição. Pode tornar-se um recurso aplicado impensada e desenfreadamente.

Os efeitos negativos de um clima competitivo e as desvantagens que a própria competição traz são bem mais alarmantes. São capazes de desestimular o aluno, de desencorajá-lo a aprender, fazendo com que aquela vantagem de tornar as tarefas diárias menos monótonas, já citada no saldo credor das atividades realizadas sob o estímulo da competição, torne-se adversa. Isto significa que por ocorrer muito freqüentemente dentro de sala a competição faz-se uma atividade desgastante, monótona e, para alguns alunos, passa a ser uma brincadeira " sem graça ".

Agora, vamos nos deter no saldo devedor da execução de atividades estimuladas pela competição:

- esta última sendo constante numa classe de primeiro segmento de primeiro grau faz com que os estudantes sintam-se desvalorizados, perdedores, desestimulados, afinal nunca conseguem chegar ao topo. Podemos reparar que aqueles que se destacam numa turma competitiva, estarão sempre nesta situação. Serão sempre destacados, uma vez que terão estímulo para tal,

Todavia, aqueles que se sentem derrotados pela competição, os freqüentes perdedores, estarão sempre nesta condição. Se não os rotulados alunos fracos da turma. O professor estará tão condicionado a tê-los desta maneira, que mesmo ao apresentarem algum progresso, este dificilmente será percebido. Mínimos progressos, os quais passam despercebidos pelo professor, são essenciais para estimular a criança. Porém, rotulada como fraca, pensa o professor que seja difícil o progresso da mesma;

- a criança que tenta vencer e ganhar seu " status " por meio de aprovação, admiração e louvor parece ser o estudante ideal. Mas, seu objetivo é claramente o de auto-promoção imediata e não o de cooperação. Tais crianças freqüentemente fracassam na vida quando não recebem louvor e reconhecimento, porque, na realidade, são egocêntricas, imaturas e só trabalham para sua própria glória. Elas não conseguem cooperar, se não brilham. Elas não aprendem a avaliar sozinhas seu próprio brilho.

O excesso de ambição incutido nas crianças facilmente se torna uma desvantagem quando enfrentam situações das quais deviam participar sem nenhuma oportunidade de sobressair. Elas, então, perdem o interesse e fogem da participação ou se tornam tensas, ansiosas e ineficazes. Se elas não têm a oportunidade de vencer de alguma forma, então podem voltar-se para os meios destrutivos de obter atenção. Elas se deprimem, se frustram, e não sabem lidar com a frustração;

- um espírito competitivo na escola favorece a idéia de

que a gente estuda para ficar à frente dos outros;

- os professores, muitas vezes, defendem com ênfase a necessidade da competição porque estimula o esforço e, portanto, produz maior rendimento na aprendizagem. Entretanto, uma pesquisa de Lee Secherest (1963), citada em Lindgreen, mostra que tal proveito se limita ao estudante que foi recompensado, e que esta vantagem pode ser cancelada pelas perdas de realização dos outros estudantes. Seu experimento mostrou que enaltecer a realização de um dos membros de um par de crianças melhorava a realização do membro enaltificado, mas não a do que não o foi. Incidentalmente quando um membro de um par era criticado no experimento, a sua realização piorava, mas a de seu par melhorava.

Numa classe intensamente competitiva, é mais provável que os estudantes se sintam mais desvalorizados do que enaltificados, pois não importa o quão bem eles trabalhem, o professor conclui, ou afirma, que poderiam ter feito melhor. O aluno que está apresentando um progresso médio ou mesmo acima da média está pronto para sentir-se incapaz porque não se encontra entre os primeiros da classe. Sob pressões competitivas intensas, mesmo os alunos que são normalmente dignos de confiança, podem recorrer a artifícios como: copiar trabalhos de enciclopédias, usar trabalhos de outros colegas, colar nos exames e roubar, ou até mesmo destruir, o trabalho dos outros.

Sendo assim, a competição pode conduzir a um clima grupal tenso e hostil, além de vingativo, no qual a crueldade, a injustiça, a desonestidade são perdoadas no interesse de sair vitorioso. Em tal atmosfera, a demonstração de superioridade e o agrado às autoridades se tornam os objetivos principais, enquanto o valor intrínseco da atividade, a auto-expressão, a auto-avaliação, o auto-conhecimento e a criatividade não são enfatizados;

- quando se atribui valor excessivo a um desempenho supe-

rior , as crianças se tórnám obceçadas pela noção de auto-engrandecimento e perdem de vista os valores humanos. As realizações que dão prestígio se tornam um único critério para julgar o valor humano e a fonte de auto-estima; as realizações que vêem os outros alcançar constituem uma ameaça e um desafio ao indivíduo que deve vencer ou ser negado;

- a competição pode inibir a aprendizagem ao provocar ameaça excessiva e ao induzir à ansiedade indevida. Levada a extremos doentios, alimenta sentimentos de inadequação em crianças menos capazes, encoraja-as a se retirarem das atividades nas quais elas não possam sobressair-se e deprimem indevidamente sua posição no grupo. Verifica-se que estas fogem da participação no trabalho coletivo. Tornam-se desinteressadas, já que nunca obtêm sucesso;

- além de todos os aspectos negativos trazidos pelo estabelecimento de um ambiente tenso e competitivo já colocados, existe ainda mais um, fundamentalmente notável e grave: a competição contribui para quebrar as boas relações e destruir o espírito de grupo nas salas de aula, fator essencial para o bom andamento do processo ensino-aprendizagem.

Finalmente, muito do que se aprende na escola, em termos de padrão de comportamento, é estendido para a vida em geral. Assim, o clima de competição, e suas conseqüências, gerará cidadãos cujo comportamento será competitivo sem critérios, com autoimagem frágil e perdedora.

VI. EMBARCAR NA COMPETIÇÃO ? - UMA DECISÃO COMPLEXA

Diante de tantos efeitos negativo que a competição oferece para a criança recém chegada na escola, qual será o motivo de todo o privilégio pelo competir ?

Competir implica buscar um padrão de qualidade que talvez não leve em conta as diferenças individuais de cada aluno, as condições específicas de cada situação, nem inclua espaços para os que não estão em primeiro lugar.

O problema de como lidar com a competição é extremamente complexo. As escolas sofrem grande pressão para ensinar as crianças a competir e dar ênfase aos aspectos competitivos da Educação, porque, como tem sido freqüentemente apontado, este é um mundo competitivo. Entretanto, as pessoas que fazem tais pressões sobre a escola negligenciam o fato de que as crianças, comumente, já aprenderam muitas técnicas de competição antes de entrarem para a escola, e que muitas práticas escolares, tais como dar notas, prêmios e outras formas de recompensa, já encorajam um alto grau de competição.

Por que teria a escola " embarcado " na prática da competição desenfreada ? Esta é uma questão mais social que psicológica. É notável como a própria sociedade cobra a competição na escola, às vezes esta até ocorre impensadamente. " Vivemos num mundo onde a sociedade é competitiva, portanto é necessário habituar a criança desde cedo a conviver com ela. ". Deste modo pensa

o meio social capitalista do terceiro mundo. Esquecemos que o resultado disto é uma prática exagerada e precoce da competição, a qual nos traz uma minoria de vencedores e grande maioria de perdedores. O que fazer com estes últimos ? Excluí-los ?

Se a sociedade aceita isto, a educação deve ir contra. Caso contrário, iremos nos deparar com uma sociedade de pessoas infelizes e derrotadas.

Não há razão para a escola ser mais competitiva do que a vida fora da escola, embora isto seja o que a sociedade pareça estar pedindo. Além disso, a prática da cooperação é muito mais decisiva no mundo atual do que a prática da competição.

De fato, a sobrevivência do mundo civilizado vai depender da nossa capacidade de aprender mais eficazmente a cooperar e a ensinar os outros a fazer o mesmo. Segundo Fred T. Wilhems, cita em Lindgreen, a competição é um acesso às relações humanas mais primitivo e bem menos maduro que a cooperação.

Valorizar o resultado de uma experiência, como ocorre em situações competitivas, é ignorar o processo pelo qual se passou durante sua realização, é esquecer das diversas potencialidades apresentadas, é desprezar a individualidade de cada participante ativo dessa experiência.

O professor não pode negar o fato de que lida com crianças, com seres humanos, que possuem seu ritmo próprio e não são treinados para "chegar na frente". Só um indivíduo pode ser o primeiro ? O que fazer dos outros ? Como fica o estímulo e o interesse daqueles que perderam ? É preciso que o professor perceba o que pode causar a prática desenfreada da competição, antes de fazer de sua classe uma classe de desestimulados e derrotados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AUSUBEL, NOVAK, HANESIAN. Psicologia Educacional. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
2. DRISCOLL, Gertrude P.. Ajustamento sócio-emocional da criança. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1970.
3. LINDGREEN, Henry Clay. Psicologia na sala de aula. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1975.
4. MARCOZZI, Alayde Madeira. Ensinando à criança: um guia para o professor. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
5. MORSE, C. W., WINGO, M. G.. Psicologia e ensino. São Paulo: Pioneira, 1978.
6. NOVAES, Maria Helena. Psicologia da Aprendizagem. São Paulo: Cultrix, 1977.
7. RAPPAPORT, Clara Regina. Psicologia do desenvolvimento. São Paulo: E.P.U., 1981.
8. OSTERRIETH, Paul. Introdução à psicologia da criança. São Paulo: Nacional, 1987.